

Paraíba



Meio hectare, uma vida inteira de conquistas

Depois de uma vida trabalhando na terra dos outros, Manoel Jaime e Vera conquistaram seu pedaço de chão e fizeram dele um exemplo de diversidade, cuidado e esperança no Semiárido.

Quem chega hoje ao sítio de Manoel Jaime, na comunidade de Uruçu, em Gurinhém (PB), encontra uma paisagem cheia de vida. Bananeiras, pés de goiaba, limoeiros, coqueiros, canteiros de hortaliças, feijão, milho, fava e até abacaxi dividem espaço em uma área de apenas meio hectare. É difícil imaginar que, há poucos anos, aquele mesmo lugar era apenas um curral utilizado para criação de animais.

Mas Manoel conhece cada passo dessa transformação.



Aos 59 anos, ele carrega no rosto e nas mãos as marcas de uma vida inteira dedicada à agricultura. Nascido e criado em Uruçu, aprendeu ainda criança a trabalhar na terra ao lado dos pais e irmãos. Como tantas famílias do Semiárido, cresceu vendo a agricultura não apenas como trabalho, mas como forma de viver: *“Foi muito sacrifício. A gente trabalhava na terra dos outros”, recorda.*

Durante décadas, Manoel cultivou roçados em áreas arrendadas ou emprestadas. A agricultura era sua profissão, mas o sonho de possuir um pedaço de terra próprio parecia distante.

Ainda assim, nunca abandonou o campo. Casado com Dona Vera e pai de duas filhas, seguiu acreditando que um dia conseguiria construir seu próprio espaço de produção. Enquanto a terra própria não chegava, outra luta fazia parte da rotina da família: o acesso à água.

As lembranças da infância ainda estão vivas. Para beber, cozinhar e realizar as tarefas domésticas, era preciso percorrer longas distâncias até os barreiros da região: *“A água era longe e de qualidade ruim. Muitas vezes a gente caminhava quilômetros para buscar”, lembra.*

A realidade começou a mudar a partir da organização da própria comunidade. Por meio da Associação de Moradores e das ações apoiadas pelo Serviço Pastoral dos Migrantes (SPM), chegaram as primeiras cisternas. Primeiro, uma cisterna coletiva. Depois, através do Fundo Rotativo Solidário, a família conquistou sua própria tecnologia de armazenamento de água: *“Foi uma mudança muito grande. A gente saiu de uma água ruim para uma água boa.”*

Agora, a chegada da cisterna de produção do Programa Uma Terra e Duas Águas (P1+2) abrirá novas possibilidades. A água armazenada passará a garantir não apenas o consumo da família, mas também a produção de alimentos ao longo do ano.





Mas talvez a maior transformação tenha acontecido em 2019. Depois de uma vida inteira trabalhando em terras alheias, Manoel conseguiu comprar seu próprio terreno. Não era uma grande propriedade. Apenas meio hectare. Para muita gente poderia parecer pouco. Para ele, era o começo de tudo.

O que existia ali era um curral e algumas áreas destinadas à criação animal. Aos poucos, porém, o lugar começou a mudar.

Com paciência, trabalho e conhecimento acumulado durante toda a vida, Manoel foi plantando. Primeiro algumas culturas de roçado. Depois vieram as frutíferas. Em seguida as hortaliças, as plantas medicinais e os canteiros diversificados. A cada estação surgia uma novidade. Hoje, ele resume a propriedade de forma simples: *“Eu produzo de tudo um pouco.”* E realmente produz.

Daquele pequeno espaço saem alimentos que abastecem a mesa da família durante boa parte do ano. Feijão, milho, fava, alface, coentro, tomate, banana, coco, manga, limão, goiaba, graviola, caju e tantas outras culturas convivem lado a lado em um sistema que valoriza a diversidade e o aproveitamento dos recursos disponíveis.

A experiência acumulada ao longo dos anos continua sendo uma de suas maiores ferramentas. Muito do que sabe foi aprendido observando os pais, convivendo com os mais velhos e experimentando na prática.



“Eu não tenho estudo, mas graças a Deus tenho conhecimento com as plantações”, afirma com orgulho. Esse conhecimento também o levou a mudar a forma de produzir. Se no passado o uso de agrotóxicos era algo comum na agricultura da região, hoje Manoel busca alternativas mais próximas dos princípios da agroecologia, utilizando preparados naturais e técnicas que ajudam a cuidar do solo e das plantas.

Entre tantas lembranças guardadas na propriedade, uma ocupa lugar especial. Foi a primeira colheita de abacaxi: “Eu tirei foto de tudo. Foi uma alegria muito grande”. A frase parece simples, mas diz muito sobre a caminhada percorrida. Aquele abacaxi não representava apenas uma fruta. Era a prova concreta de que o sonho estava florescendo.

Ao caminhar pela propriedade, Manoel observa cada árvore como quem revisita capítulos da própria história. A diversidade que hoje cobre o terreno não nasceu de uma vez. Ela foi construída pouco a pouco, com esforço, persistência e esperança. Assim como a terra se transformou, ele também se transformou. E quando perguntado sobre o futuro, não fala em descanso. Fala em continuar. “Quero produzir mais e melhor”.

Talvez seja essa a grande lição cultivada por Manoel Jaime em Uruçu. No Semiárido, abundância nem sempre significa ter muito. Às vezes, ela nasce quando se tem um pedaço de terra, água para cuidar da vida e disposição para seguir plantando sonhos.

